

“Uma cientista quilombola”: Análise da construção da autoridade científica de Maíra Rodrigues da Silva em produtos midiáticos ¹

“A Quilombola Scientist”: An Analysis of the Construction of Maíra Rodrigues da Silva’s Scientific Authority in Media

Larah Camargo Barbosa ²

Resumo: *Este estudo investiga a construção da autoridade científica e epistêmica da cientista quilombola Maíra Rodrigues da Silva em 13 produtos midiáticos (entre programas de TV, podcasts e reportagens em que foi fonte entrevistada), a partir da metodologia da Análise de Conteúdo. Os resultados apontam que sua autoridade é constituída de forma interseccional e que ela é acionada tanto para tratar de temas associados a sua identidade quilombola e sua trajetória pessoal e educacional quanto para falar de assuntos técnico-científicos relacionados a suas áreas de pesquisa. Maíra é posicionada como uma cientista-símbolo, capaz de articular os saberes tradicionais com o campo científico. Sua figura contribui potencialmente para diversificar a representação midiática dos cientistas e gerar maior identificação com a ciência por parte de grupos historicamente sub-representados.*

Palavras-Chave: Representação Midiática; Divulgação Científica; Cientistas Negras

Abstract: *This study investigates the construction of the scientific and epistemic authority of the scientist and quilombola Maíra Rodrigues da Silva in 13 media products (television programs, podcasts, and news reports in which she appeared as an interview source), using content analysis as its methodological approach. The results indicate that her authority is constructed in an intersectional manner and is mobilized both to address issues related to her quilombola identity and her personal and educational trajectory, as well as to discuss technical and scientific topics related to her fields of research. Maíra is positioned as a symbolic scientist, capable of articulating traditional forms of knowledge with the scientific field. Her figure potentially contributes to diversifying media representations of scientists and fostering greater identification with science among historically underrepresented groups.*

Keywords: Media Representation; Public Communication of Science; Black Women Scientists

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação da Ciência e Políticas Científicas. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Mestranda em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde, larahcbar@gmail.com

1. Introdução

Há uma sub-representação histórica de cientistas mulheres na imprensa e de mulheres negras na ciência (Sousa, 2023). Em um estudo sobre a cobertura de ciência no Jornal Nacional, Ramalho, Polino e Massarani (2012) identificaram que as mulheres eram apenas pouco mais de um terço dos cientistas entrevistados. Venturini (2017), ao analisar os dados do Censo da Educação Superior de 2016, constatou que, entre as mulheres com doutorado no Brasil, 80,02% são brancas, 14,60% pardas, 2,75% pretas, 2,35% amarelas e 0,28% indígenas. Uma série de estudos sobre a percepção da representação dos cientistas, assim como pesquisas sobre sua imagem na mídia, indicam que o estereótipo associado à figura de um homem branco, de meia-idade, que usa jaleco e trabalha em um laboratório ainda predomina no imaginário popular (Damasceno *et al.*, 2024). Damasceno *et al.* (2024) relacionam a persistência desta representação com a injustiça epistêmica no campo científico – entendida como “a exclusão de vozes enquanto fontes de conhecimento, motivada conscientemente ou não por preconceitos de identidade, sejam raciais, étnicos, de gênero, de orientação sexual, entre outros” (Damasceno *et al.*, 2024, p. 3). Entre os efeitos negativos desta representação estereotipada do cientista, os autores destacam “um possível e consequente afastamento do campo científico por parte de grupos minoritários que não encontram possibilidades para se enxergarem nos espaços de produção de conhecimento” (Damasceno *et al.*, 2024, p. 5), como de mulheres e grupos racializados – reflexo de uma equivocada noção da suposta superioridade intelectual do homem branco. Boaventura Sousa Santos (1997) e Sueli Carneiro (2005) falam ainda no epistemicídio das culturas não ocidentais, enquanto subproduto do colonialismo:

O epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado (Carneiro, 2005, p. 97).

Silva (2020) acrescenta que o escravismo transatlântico não trouxe para as Américas apenas africanos e africanas para mão-de-obra escravizada, mas tecnologias, cosmovisões, plantas e diversos conhecimentos – presentes na metalurgia, mineração, agricultura, construção civil, carpintaria, produção têxtil, navegação, na medicina, na engenharia e outras áreas. Para o autor, os estudos sobre as tecnologias africanas e afrodescendentes são fundamentais para combater o racismo epistemológico e compreender a participação das populações africanas na produção de conhecimento no mundo (Silva, 2020). A ciência não é um empreendimento exclusivamente ocidental e reconhecer e integrar os conhecimentos de povos tradicionais é necessário para promover uma ciência mais inclusiva e representativa (Gaudêncio, 2025).

Historicamente, os saberes de comunidades tradicionais, de povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos foram deslegitimados em meio a processos de colonização que subjugaram suas cosmo percepções, suas tecnologias ancestrais e seus modos de vida. Diante da emergência climática global e da crise ambiental que afeta desproporcionalmente comunidades tradicionais e populações racializadas – em uma das expressões do racismo ambiental (Paz, 2023) –, ativistas, ambientalistas e pesquisadores, como os do Centro Brasileiro de Justiça Climática (CBJC), nos convidam a olhar para as soluções e saberes que existem dentro dos próprios territórios como caminho crucial para enfrentar a crise climática e promover justiça ambiental, social e racial:

No contexto da promoção da justiça climática é necessário, principalmente, demonstrar a eficácia do que anunciamos como tecnologias ancestrais, tanto em contextos urbanos, quanto rurais. A valorização dessas soluções territoriais deve servir como base para a incidência, garantindo a construção de uma agenda climática justa, inclusiva e desenvolvida. Afinal, enfrentar os desafios da crise climática exige reconhecer e fortalecer as estratégias dos próprios territórios, respeitando seus conhecimentos, ancestralidade e ampliando sua capacidade de ação (CBJC, 2024, p. 19)

No dossiê "Cartografias Negras e (In)Justiças Climáticas no Brasil", iniciativa do CBJC, pesquisadores e pesquisadoras negras de diferentes regiões do Brasil e com forte vínculo comunitário e territorial, realizaram um diagnóstico sobre as injustiças climáticas identificadas em seus territórios e propuseram saídas e mobilizações comunitárias em cada uma das localidades, em defesa de uma ciência “ancorada na realidade dos territórios e seus sujeitos, que reconhece a sociobiodiversidade regional e local, que respeita a oralidade e a ancestralidade como ferramentas fundamentais de análise e produção de conhecimento”

(CBJC, 2024, p. 11), comprometida com a justiça social, racial e climática e com consolidação de uma agenda climática realizada com e pelos territórios.

Dada a crescente necessidade de reconhecermos a importância do diálogo entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais e ancestrais – especialmente no enfrentamento da crise climática e ambiental –, este estudo analisou a construção da autoridade científica de Máira Rodrigues da Silva em produtos midiáticos, compreendida como uma figura que *conflui* entre esses campos de conhecimento, como propõe o pensamento de Nego Bispo (Santos, 2023).

A autoridade científica (ou legitimidade científica) é entendida aqui como a capacidade técnica e o poder social de agir e falar legitimamente em nome da ciência (Bourdieu, 1983). Para Bourdieu (1983), o campo científico constitui-se como um espaço de disputas entre distintas posições políticas em torno de um capital particular, a autoridade científica – um capital que pode ser acumulado, transmitido e até reconvertido em outras espécies. Neste contexto, é fundamental compreender o processo de seleção de fontes no jornalismo, “especialmente diante da escassa representatividade de cientistas pretos, ainda minoritários nas instituições de pesquisa e ensino superior do país” (Damasceno *et al.*, 2024).

Complementarmente, em levantamento que analisou como a temática das populações quilombolas tem sido apresentada nas pesquisas científicas na área de Comunicação, Borges e Mesquita (2024) identificaram que, entre 5.157 trabalhos científicos publicados na Compós e na Sbpjor, apenas três produções tinham como foco de estudos a temática quilombola – acendendo um alerta para a escassez de investigações dedicadas a essas comunidades e para a necessidade de ampliar esse debate no campo da Comunicação.

Uma Cientista Quilombola

Máira Rodrigues da Silva é quilombola, do quilombo de Ivaporunduva, localizado em Eldorado (SP) no Vale do Ribeira, às margens do rio Ribeira de Iguape. Aos 18 anos, ela se mudou para Campinas (SP) para seguir seus estudos de nível superior e, através do programa Universidade para Todos (Prouni), se graduou em Ciências Biológicas na Universidade Paulista (Unip) em 2014. Acessou a universidade pública pela primeira vez através de uma extensão da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), voltada para quilombolas. Posteriormente, tornou-se especialista em Agroecologia e Educação no Campo pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Unicamp e foi a primeira mestre quilombola da

universidade. Em sua pesquisa de mestrado em geociências, investigou os impactos de 50 anos de mineração ao longo do século 20 no Rio Ribeira de Iguape e estudou o potencial fitorremediador do feijão-de-porco (*Canavalia ensiformis*) em solos contaminados por chumbo, arsênio e zinco no Vale do Ribeira (Silva, 2017). Como parte do resultado de sua pesquisa, Maíra descobriu que a espécie do feijão, já conhecida e utilizada em sua comunidade como adubo verde, tinha a capacidade de auxiliar na recuperação das áreas degradadas às margens do rio.

Atualmente, é doutoranda em geociências na Unicamp, onde pesquisa ecotoxicologia e a contaminação ambiental por elementos potencialmente tóxicos na Bacia do Rio Paraopeba, afetada pelo rompimento da barragem da Vale, em Brumadinho (MG) em 2019. Ocupa também o cargo de coordenadora na área de Combate ao Racismo Ambiental no Instituto de Referência Negra Peregum. Além disso, faz divulgação científica e promove seu trabalho no perfil do Instagram, @UmaCientistaQuilombola – onde também divulga sua participação em eventos, entrevistas, reportagens, podcasts e programas de TV.

Dada sua trajetória pessoal, educacional e acadêmica e suas frequentes participações na mídia para debater diversos temas (entre eles, acesso à educação formal, racismo ambiental, justiça climática, fitorremediação, agroecologia e cultura quilombola), este artigo teve como objetivo investigar como se dá a construção da autoridade científica e epistêmica constituída de Maíra Rodrigues da Silva em produtos midiáticos – entendendo Maíra como uma figura representativa da articulação entre os saberes tradicionais e o conhecimento científico –, de modo a compreender como a mídia a retrata, quais são os temas e debates associados a ela e qual tratamento é dado à sua dupla posição enquanto uma mulher negra cientista e quilombola. Buscou-se compreender, através da Análise de Conteúdo de 13 diferentes produtos midiáticos que acionaram Maíra como fonte entrevistada, quais são os termos, temas, narrativas e papéis associados a figura desta cientista-quilombola.

2. Procedimentos Metodológicos

O *corpus* de análise da pesquisa consistiu em 13 produtos midiáticos, entre reportagens escritas, programas de TV e podcasts disponíveis *online*, nos quais Maíra foi acionada como fonte entrevistada. A pesquisa foi feita em 16 de junho de 2025, através do buscador do Google (Aba "Todos"), a partir da combinação das palavras-chave: "*Maíra Rodrigues da Silva*" / "*Maíra Rodrigues da Silva*" + "*Unicamp*" / "*Maíra Rodrigues da Silva*"

+ "Peregum"/ "Maíra Rodrigues da Silva" + "cientista"/ "Maíra Rodrigues da Silva" + "pesquisadora"/ "Maíra Rodrigues da Silva" + "bióloga"/ "Maíra Rodrigues da Silva" + "quilombola"/ "Maíra Rodrigues da Silva" + "quilombo" e abrangeu o período de março de 2017 (primeira matéria identificada) a abril de 2025 (último resultado válido localizado na data de realização desta pesquisa). Foram descartados resultados associados somente à divulgação de eventos que contavam com a participação de Maíra, bem como reportagens republicadas sem alterações significativas e artigos de opinião escritos pela própria Maíra – uma vez que o objetivo da pesquisa é analisar sua representação na mídia a partir de produtos midiáticos e matérias que a mobilizam como fonte entrevistada. Constituiu o *corpus* de análise os seguintes produtos midiáticos (entre podcasts, reportagens e programas de entrevistas):

TABELA 1
Corpus de produtos midiáticos analisados

Data de publicação	Veículo	Título	Tipo
10/11/2017	Jornal da Unicamp	“Abecedário em cascas de palmito”	Reportagem escrita
21/09/2019	EPTV Campinas	“Primeira quilombola mestre da Unicamp estudou remédio natural para tratar solo no Vale do Ribeira: 'Resistir preservando'”	Reportagem para televisão
02/05/2022	Alma Preta	“Avanço da monocultura e violação de direitos obrigam quilombolas a deixarem territórios”	Reportagem escrita
27/01/2023	TV Unicamp	“A primeira mestra quilombola”	Reportagem em vídeo
27/07/2023	G1 Campinas	“Ultrapassa físico: entenda por que autodenominação de quilombolas vai além do território”	Reportagem escrita
28/07/2023	Correio Popular	“357 quilombolas vivem na RMC, revela o Censo do IBGE”	Reportagem escrita
31/08/2023	Podcast ADu	“Comunidades quilombolas: uma realidade além do território”	Podcast
22/11/2023	Café da Manhã (Folha de S. Paulo)	“As caras do Racismo Ambiental”	Podcast
26/02/2024	Nova Escola	“Mudanças climáticas e racismo ambiental: como a escola pode trabalhar essas temáticas”	Reportagem escrita
20/02/2025	Deusas Cientistas	“A Terra fala, e Maíra escuta!”	Podcast

27/03/2025	Notícias Embrapa	“Embrapa e Unicamp realizam biomonitoramento no Rio Paraopeba”	Release institucional
27/03/2025	Portal da Cidade Brumadinho	“Equipe realiza biomonitoramento no Rio Paraopeba, em Brumadinho”	Reportagem Escrita
29/04/2025	Negros em Foco (TV Cultura)	“Presença Negra na Agroecologia”	Programa de TV

FONTE - Da própria autora.

Como procedimento metodológico, foi desenvolvido um protocolo de Análise de Conteúdo (AC), visando compreender como se dá a construção da autoridade científica e epistêmica constituída de Maíra nestes diferentes produtos midiáticos. Método este amplamente utilizado para analisar textos, imagens e/ ou símbolos em pesquisas nas ciências sociais e no campo dos estudos da comunicação, incluindo a análise de notícias científicas – tal como no protocolo da Rede Iberoamericana de Capacitação e Monitoramento em Jornalismo Científico (Massarani *et al.*, 2012), desenvolvido para analisar a cobertura científica de notícias veiculadas por telejornais da Ibero-América. Segundo Martin Bauer e George Gaskell (2008), a AC constitui uma técnica híbrida, tendo características tanto quantitativas quanto qualitativas, capaz de fazer uma ponte entre um formalismo estatístico e uma análise qualitativa dos materiais.

Partindo das diretrizes de Bardin (2016) e dos pressupostos de Massarani *et al.* (2012), após uma leitura flutuante das matérias analisadas, foram desenvolvidas as seguintes dimensões e categorias de Análise do Conteúdo: 1. Identificação e Apresentação (identifica os títulos e créditos atribuídos, se há associação institucional e qualificação de origem/identidade); 2. Enquadramento da Notícia e Propósito da Inclusão (identifica se ela é fonte principal ou não, se há presença de citação direta e qual o motivo principal do acionamento e tema central da matéria); 3. Construção da Autoridade Científica e Epistêmica (se há ênfase na expertise científica, no conhecimento tradicional e trechos que expressam o reconhecimento da articulação entre saberes); 4. Narrativas e Tratamento (localiza os temas associados à Maíra, se há abordagem biográfica, qual tratamento e tom da matéria e quais são as narrativas e papéis atribuídos a ela) e 5. Elementos Visuais (quais são as imagens e cenas associadas à Maíra).

TABELA 2
Protocolo de Análise de Conteúdo

Dimensão	Categoria	Indicadores e exemplos retirados do conteúdo analisado
1. Identificação e Apresentação	1.1. Títulos e Créditos Atribuídos	Como Maíra é nomeada no título, linha fina, créditos iniciais/finais? Exemplo: “Primeira quilombola mestra pela Unicamp” (Jornal da Unicamp)
	1.2. Identificação Institucional	Há menção a alguma instituição formal que Maíra tem vínculo? Exemplo: “coordenadora da área de combate ao racismo ambiental, da diretoria de Clima e Cidade no Instituto de Referência Negra Peregrum” (Nova Escola)
	1.3. Qualificação de Origem/Identidade	Há menção a sua identidade, raça ou gênero? Exemplo: “Mulher, negra e quilombola” (Correio Popular)
2. Enquadramento da notícia e Propósito da Inclusão	2.1. Maíra como Fonte	É a fonte principal? Sim ou não?
	2.2. Presença de Citação Direta	Há presença de sua voz direta em produtos audiovisuais ou aspas, no caso de textos escritos? Sim ou não?
	2.3. Motivo Principal do Acionamento	Razão pela qual ela foi acionada Exemplo: Comentar sobre o censo do IBGE de 2022 (G1 Campinas)
	2.4. Tema Central da Matéria	Qual o assunto principal do produto midiático Exemplo: Pesquisa sobre os efeitos ecotoxicológicos do desastre de Brumadinho na bacia do rio Paraopeba (Notícia Embrapa)
3. Construção da Autoridade Científica e Epistêmica	3.1. Ênfase na Expertise Técnica/Acadêmica/Científica	Menções de titulação científica, citações diretas de conceitos científicos, resultados de estudos, e/ ou discursos baseados em dados e evidências. Exemplo: “Com a fitorremediação (processo que usa plantas para purificar ambientes contaminados), a mestre descobriu que a Canavalia ensiformis, popularmente conhecida como feijão-de-porco, poderia auxiliar na redução da poluição às margens do rio” (EPTV Campinas)
	3.2. Ênfase no Conhecimento Tradicional/Ancestral	Menções a saberes quilombolas, práticas tradicionais, relação com a natureza e o território. Exemplo: A gente para e pensa quanto legado a gente trouxe, principalmente em preservação. Penso o quanto

		nossos antepassados negros que vieram de África nos deixaram esse legado de resistir na natureza, resistir preservando (EPTV Campinas)
	3.3. Articulação entre Saberes	Trechos que abordam o conhecimento científico formal em articulação com saberes tradicionais quilombolas Exemplo: “quando a gente pensa nos povos vindos do continente africano, nesse processo de diáspora, existe também uma contribuição científica e tecnológica em que esses povos trazem, porque eles não foram meramente trazidos como escravos, mas como escravizados. Então todo o conhecimento, e eu coloco sim como ciência e tecnologia, porque eram conhecimentos importantes para alguns setores da agricultura, na construção, até nos serviços básicos, que essas populações detinham” (Podcast ADu)
4. Narrativas e Tratamento	4.1. Temas associados a Maíra	Exemplo: Agroecologia; Ciência; Quilombos; Escravidão Negra; Racismo Ambiental; Crise climática; Titulação de terras (Negros em Foco)
	4.2. Abordagem Biográfica	Detalhes sobre sua trajetória pessoal Exemplo: “vive em Campinas há 13 anos, mas sua história começou no Quilombo Ivaporunduva, no Vale do Ribeira, município de Eldorado, São Paulo, onde nasceu e viveu até 2010” (Correio Popular)
	4.3. Tratamento e Tom da matéria	Mais poético ou mais factual/ jornalístico Exemplo: “Letras acalcadas pela força de vontade em cascas de palmito. À beira da canoa, o abecedário se desenhava como a descoberta de um mundo, mas sem qualquer pretensão de deixar o Vale do Ribeira” (Jornal da Unicamp)
	4.4. Narrativas e atribuição de papéis	Maíra como Especialista Técnica; Narrativa de Superação, Narrativa de Pioneirismo; Narrativa de contribuição social da ciência Exemplo: “Maíra se considera uma heroína pela conquista” (Jornal da Unicamp)
5. Elementos Visuais	5.1. Imagens/Cenas da Maíra ()	Como ela é retratada visualmente? Onde ela aparece (laboratório, quilombo)? Outros elementos visuais associados

FONTE - Da própria autora.

3. Resultados

Breve contextualização do *corpus* de análise

Por se tratar de uma pesquisa de natureza qualitativa, faz-se necessária uma breve contextualização do *corpus* de análise. A reportagem do Jornal da Unicamp (Cruz, 2017), intitulada “Abecedário em cascas de palmito: As lições de casa da primeira quilombola mestra pela Unicamp” traça o perfil de Maíra e apresenta poeticamente sua trajetória pessoal e educacional, por vezes reforçando suas vinculações com a universidade – sendo este um veículo institucional. Características semelhantes são encontradas na reportagem da TV Unicamp (intitulada “A primeira mestra quilombola”) (A Primeira... 2022) – focada na trajetória pessoal, educacional e acadêmica de Maíra, que ressalta seu vínculo com a universidade e com o quilombo de Ivaporunduva.

Ela também é personagem principal na reportagem da EPTV Campinas (afiliada da Rede Globo no interior paulista) dentro do programa de TV *Nossa Gente*, com o título: “Primeira quilombola mestre da Unicamp estudou remédio natural para tratar solo no Vale do Ribeira: ‘Resistir preservando’” (G1 Campinas e Região e EPTV, 2019). A reportagem foi até o quilombo de Ivaporunduva e contou a história da comunidade, tendo Maíra também como personagem central. Todas as três matérias mencionam e destrincham sua pesquisa de mestrado. No Podcast ADu (Adunicamp, 2023), produzido pela Associação de Docentes da Unicamp (ADunicamp), a cientista também é fonte principal e trata tanto de assuntos técnicos (como o resultado do Censo do IBGE de 2022 que, pela primeira vez, incluiu a autodenominação quilombola) quanto de sua trajetória pessoal e sua ligação com o quilombo. Seu vínculo com a universidade e o título de primeira mestra quilombola da universidade são reforçados. Esse título aparece novamente na reportagem do G1 Campinas “Ultrapassa o físico: entenda por que autodenominação de quilombolas vai além do território” (Ramos, 2023), matéria que trata do resultado do Censo do IBGE de 2022 e que mobiliza a trajetória pessoal de Maíra para conectar com o tema central da reportagem. O mesmo tema e motivo do acionamento se repetem na reportagem do jornal campineiro Correio Popular, “357 quilombolas vivem na RMC, revela o Censo do IBGE” (Moreira, 2023), que consulta Maíra como uma fonte técnica para comentar o resultado do censo, mas também faz menção a sua trajetória pessoal e educacional.

Já a reportagem do Alma Preta (2022) trata dos motivos que levam quilombolas a deixarem suas terras e suas comunidades, de dificuldades que povos quilombolas enfrentam no acesso a serviços básicos e a educação. Maíra é acionada para tratar das adversidades em sua trajetória educacional. No Podcast Café da Manhã, da Folha de S. Paulo (2023), sobre

Racismo Ambiental e impactos da desigualdade, ela é entrevistada para tratar tecnicamente do assunto e não há menção a sua identidade quilombola ou a sua trajetória pessoal. A matéria da Nova Escola (Bonino, 2024), por sua vez, também trata do tema do racismo ambiental e da justiça climática e Maíra é entrevistada para abordar a importância da educação ambiental nas escolas.

A trajetória pessoal, educacional e acadêmica de Maíra é tema principal do episódio “A Terra fala, e Maíra escuta”, do podcast de divulgação científica, Deusas Cientistas (2025), comandado pela divulgadora e cientista Kananda Eller. Nele, Maíra debate como a sua identidade quilombola reflete o seu fazer científico. O release institucional da Notícias Embrapa (Tordin, 2025), bem como a matéria do Portal da Cidade de Brumadinho (2025), tem como foco noticiar a realização de um biomonitoramento no Rio Paraopeba, em Brumadinho, tema associado a pesquisa de doutorado de Maíra, acionada para tratar diretamente dos resultados da pesquisa, em uma fala técnica. Por fim, no programa televisivo Negros em Foco, da TV Cultura, Maíra é uma das entrevistadas para falar sobre o tema “Negros na Agroecologia” e sobre ciência, escravidão negra, racismo ambiental, crise climática e titulação de terras (Presença... 2025).

Análise do *corpus* a partir do protocolo de Análise de Conteúdo

No que se refere à identificação e à apresentação de Maíra, todos os produtos fazem menção a sua qualificação científica (titulação ou área de atuação) – constituindo a base para sua autoridade acadêmica formal. A Unicamp, instituição a qual Maíra é vinculada é naturalmente mencionada em 11 de 13 matérias (as exceções são Nova Escola e Café da Manhã, que destacam o seu cargo no Instituto de Referência Negra Peregrum). Concomitantemente, em 10 das 13 matérias, há também a menção a sua identidade quilombola. As exceções (Café da Manhã, Embrapa, Portal da Cidade Brumadinho) são pautas mais técnicas, mais focadas em sua expertise técnica isolada. Sua identidade enquanto mulher negra é mencionada no Jornal da Unicamp, no podcast Deusas Cientistas e no Correio Popular. A sobreposição destas menções sugere que a autoridade de Maíra na mídia não é construída em compartimentos separados (só cientista ou só quilombola), mas sim de forma híbrida e interseccional, de fato, enquanto uma cientista-quilombola. Maíra parece ocupar o “lugar de fala” – ao qual se referem intelectuais negras como Djamila Ribeiro (2017) – a partir de sua titulação acadêmica e de sua vivência enquanto quilombola. Para Ribeiro

(2017), pensar em ‘lugar de fala’ a partir do feminismo negro nos permite olhar para as vivências coletivas compartilhadas por grupos subalternizados que atravessam estes corpos, destacando as estruturas sociais e relações de gênero, raça e classe existentes nos contextos discursivos nos quais as pessoas estão inscritas.

Ao observarmos o enquadramento da matéria e o propósito de inclusão da Maíra, há presença de citações diretas (através de aspas, no caso de reportagens escritas, ou citações em voz direta, no caso dos produtos audiovisuais) em todas as 13 matérias. Essa presença fortalece a autoridade de Maíra como fonte, que, em 8 de 13, é acionada como fonte principal, isto é, a voz central da apuração e da narrativa do produto midiático em questão. As 5 em que ela não é principal (Alma Preta, Nova Escola, Notícias Embrapa, Portal da Cidade Brumadinho, Negros em Foco) a posicionam como uma especialista em temas específicos e diversos entre si – respectivamente: desafios de permanência estudantil de alunos quilombolas; educação ambiental nas escolas; pesquisa de biomonitoramento no Rio Paraopeba associado ao seu doutorado e negros na agroecologia.

Quanto aos motivos de acionamento foram registradas as seguintes ocorrências: Biográfico (4) (que tratam da trajetória de vida da Maíra, com ênfase em sua trajetória educacional); Debate sobre acesso à educação formal (1); Censo IBGE 2022 (3); Racismo ambiental e justiça climática (2) (áreas de pesquisa de Maíra); Pesquisa Brumadinho (2) (vinculado a sua pesquisa de doutorado) e Agroecologia (1). A ênfase em sua biografia e em sua trajetória pessoal e educacional é uma importante representação da contribuição de mulheres negras cientistas através de suas trajetórias escolares. Segundo Gaudêncio (2024),

(...) discutir/ apresentar contribuições de mulheres cientistas negras e suas narrativas desde as primeiras etapas da formação escolar desafia o apagamento histórico e cultural que marginaliza essas mulheres, ajudando a desconstruir estereótipos de gênero e raça que limitam as percepções sobre “quem pode ser cientista” (Gaudêncio, 2024, p. 102)

A autora entende que apresentar suas trajetórias e desafios enfrentados pode inspirar estudantes, especialmente aqueles que se identificam com essas vivências, a se engajarem em carreiras científicas e potencialmente contribuir para a “formação de uma comunidade acadêmica mais diversa e inovadora, capaz de incorporar diferentes perspectivas” (Gaudêncio, 2024, p. 102). Ampliar a visibilidade de cientistas negras não apenas através de suas contribuições científicas, mas também de suas trajetórias pessoais e institucionais, é um



dos caminhos para agregar a interseccionalidade nas pesquisas acadêmicas, segundo Gaudêncio (2024).

Na dimensão da construção da autoridade científica e epistêmica, a “ênfase em sua expertise técnica e/ou acadêmica” está presente, em maior e menor grau, em todas as 13 matérias, acionada por títulos institucionais ou associados a temáticas científicas. Enquanto a “ênfase no conhecimento tradicional” apareceu em 8 das 13 matérias e a categoria de “articulação entre saberes” apareceu em 7 matérias, com destaque para o podcast de divulgação científica Deusas Cientistas, Jornal da Unicamp, EPTV, TV Unicamp e no podcast ADu – que contam sobre sua trajetória biográfica, a partir da contribuição de sua pesquisa de mestrado para sua comunidade. Isto é, em grande parte dos produtos analisados, sua autoridade é construída sobre uma base do conhecimento científico formal e é ampliada e validada pela sua identidade quilombola, o que adiciona uma camada do conhecimento experiencial e originário à sua expertise formal.

O resultado da análise dessa dimensão é a reverberação do que Nego Bispo (Santos, 2023), em “A Terra Dá, a Terra Quer”, vai chamar de “confluência”: “as práticas e saberes dos quilombolas são uma manifestação direta do conhecimento acumulado ao longo das gerações” (Santos, 2023, p. 45). As soluções encontradas pelas comunidades tradicionais, que têm seu modo de vida estabelecido a partir da relação coletiva com a natureza, refletem uma compreensão intuitiva das leis naturais, de uma ciência cotidiana oriunda de um legado epistemológico ancestral acumulado, a exemplo do uso do feijão-de-porco descrito na pesquisa de mestrado de Maíra:

“As técnicas agrícolas utilizadas nas comunidades quilombolas refletem um entendimento avançado dos princípios ecológicos e físicos. A rotação de culturas e o uso de plantas nativas para controle biológico são estratégias que mostram uma relação harmônica com a natureza” (Silva e Arraes, 2025, p. 4).

A análise dos temas associados a Maíra revela um espectro amplo, mas interligado, de assuntos para os quais é acionada. “Trajetória de vida” (7) e “Identidade quilombola” (7) são os temas mais frequentes, indicando uma construção identitária de sua presença midiática. “Ecotoxicologia” (5) e “Fitorremediação” (3) destacam suas áreas de pesquisa e expertise acadêmica direta. Também são recorrentes temas socioambientais como “Racismo ambiental/Justiça climática” (4), seguidos por “Escravidão Negra” (3), “Censo IBGE 2022” (3), “Quilombo de Ivaporunduva” (3) e “Titulação de terras” (3). Por sua vez, a ocorrência de temas como “Acesso à educação formal” (6), “Cotas raciais” (2) e “Educação ambiental” (1)

nos indicam associação de sua figura e de sua trajetória pessoal com debates sobre educação e inclusão. Sua própria trajetória e identidade a legitimam para abordar essas pautas com profundidade. Essa amplitude temática indica que a sua autoridade é percebida como interdisciplinar, capaz de articular diferentes conhecimentos e de abranger debates diversos – tanto associados diretamente a sua expertise técnica enquanto autoridade científica quanto a sua vivência e trajetória pessoais, como foi demonstrado na análise de dimensões anteriores.

A abordagem biográfica é presente em 8 das 13 matérias, especialmente no podcast Deusa Cientista, G1 Campinas, EPTV, TV Unicamp e Jornal Unicamp, em um potencial processo de humanização de sua trajetória e de sua figura enquanto cientista. Quanto ao tratamento, um tom “afetuoso/ poético” predomina no Jornal da Unicamp, EPTV e no podcast Deusas Cientistas, enquanto o restante é mais jornalístico e factual. Tomemos como exemplo este trecho, retirado da reportagem sobre sua trajetória que saiu no Jornal da Unicamp, em que a jornalista faz referência ao avô de Maíra, quilombola que se alfabetizou escrevendo na casca do palmito: “Letras acalcadas pela força de vontade em cascas de palmito. À beira da canoa, o abecedário se desenhava como a descoberta de um mundo, mas sem qualquer pretensão de deixar o Vale do Ribeira” (Cruz, 2017, s/n).

A narrativa de pioneirismo aparece em 8 das 13 matérias, referência ao fato de ter sido ‘a primeira quilombola mestre da Unicamp’. A ideia de “superação através da educação”, em 4 das 13 matérias, proeminentes em veículos que abordam a sua trajetória. No Jornal da Unicamp e no podcast Deusas Cientistas, desponta a narrativa de contribuição social da ciência (2), a partir dos resultados da pesquisa de Maíra para sua comunidade. A predominância das narrativas de pioneirismo e de superação indicam que sua trajetória é também mobilizada para inspirar e destacar a importância da inclusão e da representatividade na ciência. Maíra parece ser enquadrada enquanto uma “cientista-símbolo” (pioneira, que supera, que inspira), cuja autoridade também está associada a sua trajetória pessoal e identidade. Por outro lado, em outras matérias mais técnicas (Brumadinho, Embrapa e Café da Manhã), Maíra é enquadrada mais diretamente como especialista, sem ênfases biográficas, o que sinaliza a adaptabilidade de sua autoridade para diferentes enquadramentos.

Quanto à veiculação da imagem da Maíra, o uso de fotos de arquivo pessoal é presente em 9 dos 13 produtos. Imagens da Maíra no quilombo (4) de Ivaporunduva aparecem na EPTV Campinas, TV Unicamp, G1 Campinas e Podcast Adunicamp. Apenas na reportagem escrita do G1 utiliza-se uma imagem dela em laboratório (1), fazendo análise de

uma coleta do rio. Nas reportagens da TV Unicamp e Jornal Unicamp, veículos institucionais associados à universidade, Maíra aparece com o cenário da instituição ao fundo (2).



Maíra Rodrigues da Silva é mestre em Geociências pela Unicamp — Foto: Reprodução/EPTV

FIGURA 1 - Foto de Maíra no quilombo de Ivaporunduva em matéria da EPTV Campinas
FONTE - G1 Campinas e Região e EPTV, 2019

4. Considerações Finais

A autoridade de Maíra Rodrigues da Silva é constituída na interseccionalidade entre a ciência e a valorização das contribuições e saberes tradicionais quilombolas. Sua qualificação acadêmica, mencionada em todas as 13 matérias analisadas, é base para sua autoridade formal – sendo a Unicamp, instituição a que está vinculada, a mais citada, seguida de outras instituições que Maíra tem filiação. Concomitantemente, a menção a sua identidade quilombola aparece em 10 dos 13 produtos, indicando que ser quilombola é um pilar significativo da constituição de sua autoridade epistêmica e que adiciona uma camada experiencial à sua expertise formal, seu “lugar de fala” (Ribeiro, 2017). Sua legitimidade é reforçada e ampliada por essa dupla pertença. As matérias que não fazem menção a aspectos identitários focam em sua expertise técnica para tratar de temas associados à sua área de pesquisa, como racismo ambiental, ecotoxicologia e fitorremediação. Os motivos de acionamento e a diversidade de temas associados a Maíra (como escravidão negra, censo

IBGE 2022, titulação de terras, cotas raciais, educação ambiental) indicam que ela é uma autoridade interdisciplinar, capaz de articular diferentes campos do conhecimento, como propõe a ideia de “confluência” de saberes de Nego Bispo (Santos, 2023).

Além dessas temáticas, Maíra foi frequentemente acionada para tratar de sua trajetória pessoal e educacional e de sua identidade quilombola (em 7 dos 13 produtos), principalmente na perspectiva do acesso à educação e por vezes acompanhada de narrativas de superação e de pioneirismo, em um enquadramento que humaniza sua trajetória e a posiciona como um exemplo, uma “cientista-símbolo”. Sua presença na mídia potencialmente promove maior identificação com o campo científico por parte de grupos que Maíra representa – mulheres, pessoas negras e pertencentes a comunidades tradicionais – e contribui para a construção de novas referências de cientistas no Brasil. Referência essa que colabora também para romper com o estereótipo persistente do cientista homem e branco como porta-voz da ciência e com as injustiças epistêmicas perpetuadas no campo científico (Damasceno *et al.*, 2024), parte do processo histórico de epistemicídio das culturas não ocidentais (Carneiro, 2005) e de deslegitimação dos saberes das comunidades tradicionais.

Sua pesquisa de mestrado em ecotoxicologia e fitorremediação (em que Maíra descobriu que o feijão-de-porco, já cultivado na sua comunidade como adubo, era capaz de auxiliar na recuperação das áreas degradadas pela mineração nas margens do rio que banha o quilombo de Ivaporunduva), mencionada em diferentes matérias, é um exemplo concreto do potencial de contribuição social da ciência, em articulação com a valorização das tecnologias ancestrais existentes em quilombos, comunidades indígenas, ribeirinhas e nas periferias. Conhecimentos que se revelam, cada vez mais, cruciais para a promoção da justiça ambiental, social e racial e para o enfrentamento da crise climática e ambiental.

Dados indícios de escassez de pesquisas atreladas à temática quilombola no campo da Comunicação (Borges e Mesquita, 2024), faz-se necessário realizar mais estudos de suas representações à luz dos debates sobre injustiça epistêmica na ciência e no campo da divulgação e do jornalismo científico.

Embora cientistas como Maíra ainda sejam a exceção nas instituições de pesquisa, no ensino superior e na imprensa, espera-se que esta pesquisa possa contribuir para futuras análises sobre a presença de cientistas pertencentes a populações racializadas e comunidades tradicionais, quilombolas e indígenas na imprensa, bem como dar visibilidade ao trabalho desenvolvido por esses atores sociais. Nesse sentido, o reconhecimento da legitimidade dos

conhecimentos, saberes, tecnologias, valores e práticas produzidos por povos historicamente marginalizados pelo campo científico e pela sociedade também é uma forma de justiça social e cognitiva, como propõe o pensamento de Boaventura de Sousa Santos (2007).

5. Referências Bibliográficas

ADUNICAMP. **Comunidades quilombolas**: uma realidade além do território: uma realidade além do território. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yDsg-H0yRqs>. Acesso em: 4 abr. 2025.

ALMA PRETA. **Avanço da monocultura e violação de direitos obrigam quilombolas a saírem de seus territórios**. 2022. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/avanco-da-monocultura-e-violacao-de-direitos-obrigam-quilombolas-a-sairem-de-seus-territorios/>. Acesso em: 2 maio 2022.

A PRIMEIRA mestra quilombola. 2022. (4 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6JVVO_prIVI&t=3s. Acesso em: 5 abr. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

BONINO, Rachel. **Mudanças climáticas e racismo ambiental**: como a escola pode trabalhar essas temáticas. 2024. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21821/mudancas-climaticas-racismo-ambiental-escola-tematicas>. Acesso em: 4 abr. 2025.

BORGES, Danilo; MESQUITA, Giovana Borges. **Qual o lugar da discussão quilombola?** Uma análise descritiva da categoria quilombola na produção científica brasileira. *Temporalidades*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 360-374, out. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/46073>. Acesso em: 15 fev. 2026.

BOURDIEU, Pierre. **O Campo científico**. In: ORTIZ, R. (org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-55.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Programa de pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo – USP. Tese de Doutorado, 2005.

CENTRO BRASILEIRO DE JUSTIÇA CLIMÁTICA (CBJC). **Dossiê Cartografias Negras E (In)Justiças Climáticas No Brasil**. 2024. 63 p. Disponível em: <https://cbjc.com.br/pt/cbjc-lanca-dossie-inedito-sobre-justica-climatica-a-partir-de-saberes-e-territorios-negros-no-brasil/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

CRUZ, Maria Alice da. **Abecedário em cascas de palmito**. Jornal da Unicamp. Campinas. 10 nov. 2017. Disponível em:
<https://unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/11/11/abecedario-em-cascas-de-palmito/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

DAMASCENO, Daniel; MEDEIROS, Amanda; CARNEIRO, Michelle; MASSARANI, Luisa; OLIVEIRA, Thaiane; RAMALHO, Marina. **Injustiça epistêmica e reafirmação de estereótipos**: a representação do cientista no Fantástico e Domingo Espetacular durante a pandemia da Covid-19. Contracampo, Niterói, v. 43, n. 1, P. 01-17, jan./abr. 2024.

DEUSAS CIENTISTAS. **A Terra fala, e Maíra escuta**. 2025. Disponível em:
<https://open.spotify.com/episode/20JVNXjMiLcFR1faugnOCU>. Acesso em: 4 abr. 2025.

FOLHA DE S. PAULO. **Podcast trata do racismo ambiental e discute os impactos da desigualdade**. 2023. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2023/11/podcast-trata-do-racismo-ambiental-e-discute-os-impactos-da-desigualdade.shtml>. Acesso em: 4 abr. 2025.

GAUDÊNCIO, Jéssica da Silva. **Mulheres negras na ciência**. Pontos de Interrogação – Revista de Crítica Cultural, [S.L.], v. 14, n. 2, p. 87-109, 8 mar. 2025. Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia - Campus II.
<http://dx.doi.org/10.30620/pdi.v14n2.p87>.

G1 CAMPINAS E REGIÃO E EPTV (Campinas). **Primeira quilombola mestre da Unicamp estudou remédio natural para tratar solo no Vale do Ribeira**: 'resistir preservando'. 'Resistir preservando'. 2019. Disponível em:
<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2019/09/21/primeira-quilombola-mestre-da-unicamp-estudou-remedio-natural-para-tratar-solo-no-vale-do-ribeira-resistir-preservando.gh.html>. Acesso em: 4 abr. 2025.

MASSARANI, Luisa, et al. **Monitoramento e capacitação em jornalismo científico**: a experiência de uma rede ibero-americana. 1.ed. Rio de Janeiro: Museu da Vida, Centro Internac. Estudios Superiores de Comunicación para América Latina, 2012. Disponível em:
https://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/monitoramentoepacitacaoemjornalismocientifico.pdf.

MOREIRA, Israel. **357 quilombolas vivem na RMC, revela o Censo do IBGE**. 2023. Disponível em:
<https://correio.rac.com.br/campinasermc/357-quilombolas-vivem-na-rmc-revela-o-censo-do-ibge-1.1401023>. Acesso em: 28 jul. 2023.

PAZ, Huri. **Racismo Ambiental e Mobilidade Urbana na Cidade do Rio de Janeiro**: Estudo de Caso sobre a PerifaConnection. Desafio 6 - Mobilidade Urbana e Mudanças Climáticas. 2023.

PORTAL DA CIDADE BRUMADINHO. **Equipe realiza biomonitoramento no Rio Paraopeba, em Brumadinho.** 2025. Disponível em: <https://brumadinho.portaldacidade.com/noticias/cidade/equipe-realiza-biomonitoramento-no-rio-paraopeba-em-brumadinho-2200>. Acesso em: 4 abr. 2025.

PRESENÇA NEGRA NA AGROECOLOGIA. [S.I.]: Tv Cultura, 2025. (26 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SigKFxoUeAw>. Acesso em: 4 abr. 2025.

RAMALHO, Marina; POLINO, Carmelo; MASSARANI, Luisa. **Do laboratório para o horário nobre:** a cobertura de ciência no principal telejornal brasileiro. Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico, Rio de Janeiro, p. 26-40. 2012.

RAMOS, Gabriella. **'Ultrapassa o físico':** entenda por que autodenominação de quilombolas vai além do território. entenda por que autodenominação de quilombolas vai além do território. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2023/07/27/ultrapassa-o-fisico-entenda-por-que-autodenominacao-de-quilombolas-vai-alem-do-territorio.ghtml>. Acesso em: 4 abr. 2025.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A Terra Dá, A Terra Quer.** 4. ed. São Paulo: Ubu Editora / Piseagrama, 2023. 112 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela Mão de Alice.** São Paulo: Cortez, 4. ed, 1997, 348p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Maíra Rodrigues da. **Potencial Fitorremediador De Canavalia Ensiformis Em Neossolos Flúvicos Do Vale Do Ribeira Contaminados Com Chumbo, Arsênio E Zinco.** 2017. 79 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geociências. Na Área de Geologia e Recursos Naturais, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

SILVA, Lucas César Rodrigues da. **Análise Das Tecnologias Africanas E Afrodescendentes:** comunidades quilombola de ivaporunduva e jongo dito ribeiro. 2020. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa Interdisciplinar de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

SOUSA, Ana Lúcia Nunes de. **Pode uma mulher negra ser cientista?** Fórum Ufrj em Revista, [S.L.], v. 1, n. 2, p. 7-10, 2023. Even3. <http://dx.doi.org/10.29327/2290975.1.2-2>.

TORDIN, Cristina. **Embrapa e Unicamp realizam biomonitoramento no Rio Paraopeba.** 2025. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/99322189/embrapa-e-unicamp-realizam-biomonitoramento-no-rio-paraopeba>. Acesso em: 4 abr. 2025.

VENTURINI, Anna Carolina. **Ações afirmativas para pós-graduação:** desenho e desafios da política pública. In: Anais 41 Encontro Anual da ANPOCS [internet]. Universidade

Federal de Alagoas; 2017.